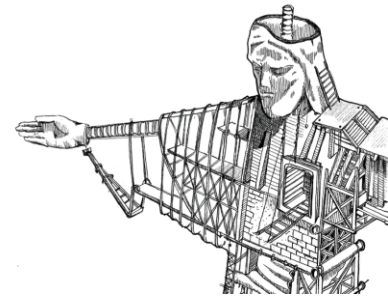




2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO LUSO-BRASILEIRA



14-16 SETEMBRO 2016 | PORTO - PORTUGAL
CEAU | FAUP - FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

CONTRIBUTOS DE ALFREDO DE ANDRADE (1839-1915) PARA A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO, ENTRE ITÁLIA E PORTUGAL: «MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS»

***Teresa Cunha Ferreira¹**

¹tferreira@arq.up.pt

**Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

Tema(s): “O Estudo da História da Construção” / ou “Culturas Partilhadas”

Palavras-chave: Itália, Portugal, fontes, dicionário, século XIX

RESUMO

O artigo propõe aprofundar contributos de Alfredo de Andrade¹ (Lisboa, 1839 - Génova, 1915) – pintor e arquitecto português - para a história da construção, em particular o que ele designa de “memórias arqueológicas” que consistem possivelmente na tentativa inacabada de compilação de um “dicionário”. Esta grande mole de material inédito, encadernada em quinze volumes, engloba um amplo conjunto de temas - como lugares, monumentos, materiais e técnicas construtivas, costumes, artes ditas menores -, apoiando-se em exemplos concretos e numa vasta bibliografia em várias línguas (italiano, português, francês, inglês e alemão), que demonstram a espessura cultural desta personagem, entre dois séculos e duas nações.

Deste modo, a partir das “memórias arqueológicas” poderemos retirar informações relevantes para o estudo da história da construção: sobre as fontes (iconografia, manuscritos, história económica e social, costumes, arqueologia, etc.), sobre materiais e técnicas construtivas (da antiguidade clássica ao século XIX), sobre elementos construtivos (janelas, portas, alvenarias, arcadas, etc), sobre léxico usado (seja nas diferentes regiões de Itália, seja em Portugal), entre outros. Por outro lado, a interpretação comparada de registos e notas feitos nos dois países, permitirá tirar algumas ilações no âmbito das “culturas partilhadas”, ou seja, dos cruzamentos e influências em obras, técnicas e materiais, entre Itália e Portugal.

¹ Alfredo Andrade (ou D’Andrade) nasce em Lisboa em 1839 e parte para Itália com quinze anos para estudar a actividade comercial paterna e para não mais voltar, definitivamente. Andrade estuda na *Accademia Ligustica* de Génova e desenvolve uma atividade multifacetada, entre Itália e Portugal: como pintor, professor, arqueólogo e arquiteto, tendo coordenado mais de trezentas intervenções em preexistências, dispersas pelo norte de Itália. Ao longo da sua carreira, Andrade torna-se uma personagem de relevo na cultura artística e patrimonial em Itália, sendo nomeado para inúmeros cargos públicos no âmbito da instrução artística e da salvaguarda do património artístico e monumental. Sobre Alfredo de Andrade cfr. entre outros: Bernardi, Marziano, Viale, Vittorio 1957. *Alfredo D’Andrade: la vita, l’opera e l’arte*. Torino: Società Piemontese d’Archeologia e di Belle Arti; Andrade, Ruy 1966 *Vida de um artista Português do Século XIX em Itália*. Lisboa: Ed. Auto; Cerri, M. Grazia, Biancolini, Daniela, Pittarello, Liliana (coord.) 1981. *Alfredo d’Andrade: tutela e restauro*. catalogo della mostra (Torino, Palazzo Reale, Palazzo Madama, 27 giugno-27 settembre 1981), Firenze: Vallecchi; Costa, Lucília V. 1997. *Alfredo de Andrade: 1839-1915: da pintura à invenção do património*. Lisboa: Vega; Ferreira, Teresa C. 2014. *Il Portogallo di Alfredo de Andrade; città, architettura, patrimonio*. Sant’Arcangelo di Romagna: Maggioli.

«MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS»

“De manhã faço aguarelas das obras do século XV na igreja de Sta. Maria del Popolo e à noite trabalho na Biblioteca della Minerva, copiando manuscritos do século IX ao XV. Vês que não perco tempo, tenho enriquecido uma colecção que há muito tempo estou a reunir de memórias arqueológicas das artes, especialmente das menores ou industriais (...). É este o fruto que vou recolhendo das numerosas viagens que faço, são memórias para os meus albuns, pequenas indicações até aos facsimile. Veremos se isto, um dia, servirá para qualquer coisa” (Andrade, 1867).

Assim escrevia Alfredo de Andrade ao irmão Júlio em 1867, informando que já se encontrava a compilar o que o próprio designa “memorias archeologicas” e que o seu filho Ruy viria a intitular “*espécie de dicionário ou enciclopédia arqueológica*” onde, “*em ordem alfabética, reuniu um sem número de notícias históricas, arqueológicas e particulares construtivos*” (Andrade, 1960, 64). Esta documentação é postumamente encadernada por Ruy de Andrade em 15 volumes com o título, na lombada “Apontamentos Arqueológicos de Alfredo de Andrade”². Andrade inicia estas memórias no período em que, após a formação neoclássica, a sua actividade reflecte uma profunda mudança de orientação artística, marcada pela “descoberta” da cultura neomedieval. Assim, com um forte carácter autobiográfico, esta grande quantidade de material, apesar de incompleta, introduz novas perspectivas interpretativas nos estudos sobre Alfredo de Andrade³, ao compilar várias décadas de actividade, entre Itália e Portugal⁴.

As “memórias arqueológicas” estão ordenadas por “entradas”, seguindo uma ordem alfabética – que melhor permite reunir uma grande diversidade anotações⁵ –, englobando diferentes âmbitos temáticos: lugares, monumentos, arquiteturas, artes decorativas ou industriais, usos e costumes, dando especial relevo às técnicas e materiais de construção. No que respeita às entradas, estas incluem exemplos concretos (alguns destes anotados *in situ*), observações pessoais, citações, transcrições documentais, notas bibliográficas, desenhos e fotografias, recortes de jornais, entre outros. A escassez de entradas mais generalistas ou sistemáticas espelha o processo de investigação de Andrade, apoiado na *praxis* e na casuística, mais do que na construção teórica ou axiomática.

A maior parte das referências bibliográficas citadas nas “memórias” pode ser encontrada na sua vasta biblioteca privada, testemunho da persistência de uma cultura positivista e enciclopédica, com textos em diferentes línguas, como o inglês, o francês, o alemão, italiano e português⁶. Constituída por várias centenas de volumes e englobando uma grande variedade de áreas do conhecimento – designadamente história, costumes, arquitectura, ensino, tutela, restauro, arqueologia, política, agricultura, música, religião –, consiste numa “*invidiabile biblioteca specializzata sulla storia, sull’arte e sull’architettura militare, civile e religiosa del medioevo e del rinascimento dove si incontranno tutti gli autori fondamentali*”⁷ (Serra, 1981, 34). Para além

² Cfr. “Apontamentos Arqueológicos de Alfredo de Andrade”, in Arquivo Privado da Família Andrade (APFA).

³ Não se encontrou referência a este material noutros estudos sobre Alfredo de Andrade.

⁴ Não é possível confirmar com exactidão as datas de redacção das “memórias arqueológicas”; pelas diferentes datas anotadas, infere-se que, possivelmente, foram iniciadas na década de 1860 e compiladas ao longo da sua carreira profissional.

⁵ Como esclarece Viollet-le-Duc, a forma de Dicionário permite reunir e organizar uma multiplicidade de temas e assuntos: “(...) *cette forme nous a paru, précisément à cause de la multiplicité des exemples donnés devoir être plus favorable aux études, mieux faire reconnaître les diverses parties compliquées, mais rigoureusement déduites, des éléments qui entrent dans la composition de nos monuments du moyen âge, puisqu’elle nous oblige, pour ainsi dire, à les disséquer séparément, tout en décrivant les fonctions et les transformations de ces diverses parties*”. Viollet-le-Duc, Eugène-Emmanuel, Préface in *Dictionnaire raisonné l’Architecture Française*, 10 vol., Paris: B. Bance édit. (voll. I a VI), e A. Morel édit. (voll. VII a X), 1857-1868., t. I, p. IV.

⁶ A biblioteca é constituída por livros, opúsculos, periódicos, manuais, catálogos, folhetos publicitários, muitos destes sublinhados, dedicados ou assinados. Cfr. Biblioteca Privada de Alfredo de Andrade, in Archivio di Stato di Torino.

⁷ Cfr., por exemplo, A. Lenoir, *Architecture monastique*; F. de Dartein, *L’Étude sur l’Architecture lombarde et sur les origines de l’Architecture romano-byzantine*; M. P. Lacroix e M. F. Seré, *Le moyen âge et la Renaissance*; Vitet, *Étude sur l’histoire de l’art Moyen Age*; Misland, *L’esthétique anglaise – étude sur M. John*; Ramèe, *Histoire generale de l’architecture*; Cattaneo, *l’architettura in Italia dal secolo VI al mille circa*; Blavignac, *Histoire de l’architecture*

destes temas encontramos ainda uma série de textos ligados à pesquisa territorial e geográfica, mais concretamente guias turísticos, descrições histórico-artísticas de lugares, arquitecturas, cidades e monumentos.

Uma fonte essencial nas “memórias” de Andrade é o *Dictionnaire* de Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879)⁸, não só pelo grande número de citações, como também pela selecção dos temas, pela estrutura, pelo método de análise, ou ainda pelos exemplos e pelas ilustrações que acompanham o texto (no caso de Andrade encontra-se incompleto e é menos sistemático). Porém, enquanto Viollet se concentra exclusivamente na França medieval entre os séculos XI e XVI (Viollet-le-Duc, 1857-1868), nos apontamentos de Andrade, apesar da época medieval ser predominante, o “tempo-nação” é ampliado a outros períodos representativos da identidade artística das duas pátrias: as antiguidades romanas, o manuelino português, o maneirismo lígure, o barroco, entre outros exemplos dos séculos XVII, XVIII ou XIX.

As “memórias arqueológicas” organizam-se, *grosso modo*, em dois grandes âmbitos temáticos: (1) os “lugares”, com predominância de Portugal, mas também de Itália e de Espanha; (2) as “entradas” de conteúdos mais diversificados - arte, arquitectura, construção, materiais, etc.- que poderão enquadrar-se, possivelmente, na tentativa de compilação de um “dicionário”.

No primeiro âmbito temático, (1) dos “lugares”, Portugal ocupa um grande espaço, reunindo-se notas de viagens, comentários, citações, extractos de relatórios, ilustrações, decorrentes de visitas e estudos realizados por Andrade no país. Salientam-se os campos dedicados às principais regiões e cidades portuguesas (de norte a sul) abrangendo várias épocas e tipologias artísticas⁹. Já no que respeita a “lugares” italianos, as “memórias” abrangem principalmente as regiões do Piemonte, Ligúria e Valle d’Aosta (antigo reino dos Savoia e berço simbólico da Itália unificada em 1861), onde Andrade vive e trabalha como *Soprintendente* durante cerca de trinta anos. Nestes apontamentos recorre, para além do conhecimento directo, a fontes orais e bibliográficas.

Não obstante o progressivo afastamento do país de origem, são recorrentes nas suas “memórias” as referências a obras dedicadas a Portugal, que integram a sua biblioteca: o *Livro das Fortalezas* de Duarte D’Armas (c. 1509-1510), *Portugal* de Ferdinand Denis (1846), a *História de Portugal* de Alexandre Herculano (1846-1853), obras de arqueólogos alemães (pioneiros da arqueologia na Península Ibérica), entre outros. Nas suas notas Andrade constata que a história da arte estava “na sua infância” em Portugal, com excepção da obra do Conde A. Raczyński *Les Arts en Portugal* (Raczinsky, 1846)¹⁰, que cita recorrentemente e elogia pelo trabalho pioneiro de compilação, bem como por uma “*certa constância*”; critica, porém, o facto de “*acerca de esculptura e architect[ur]a*” deixar “*as cousas como estavam*” e de não “*ter d’elas tirado resultado práctico por as não ter comparado com os monumentos, contradisse-se em muitos casos e julgou erroneamente em outros*”¹¹.

sacrèe du quatrieme au dixieme siecle dans les ancienes evèches de Geneve; Martigny, *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*; entre outros. Cfr. Biblioteca Privada de A. Andrade, in ASTo.

⁸ O *Dictionnaire* de Viollet compreende dez volumes de c. 450 páginas, relativas a cerca de vinte anos de investigação e prática profissional (total de c. 4000 pág. de texto ilustrado e c. 45 000 gravuras sobre madeira). É uma espécie de relatório de actividade, incluindo estudos pessoais sobre os seus restauros, bem como sobre monumentos e viagens em França, etc. Cfr., entre outros, P. Boudon e P. Deshayes, 1979. *Viollet-Le-Duc: le dictionnaire d'architecture*, Liège: Pierre Mardaga. H. Damish (coord.), 1990. *L'architecture raisonnée extraits du dictionnaire de l'architecture française*, Paris: Hermann. N. Pevsner, J. Summerson, J. Gubler et al., 1980. *Eugene Emmanuel Viollet-le-Duc, 1814-1879*, in “Architectural design profile”, London: Academy Editions; M. A. Crippa (coord.), 1984. *Eugène Viollet-le-Duc, L'architettura ragionata*, Milano: Jaca Book.

⁹ Andrade inclui descrições das principais regiões de Portugal (Minho, Estremadura, Beira, Trás-os-Montes Algarve, Alentejo). Cfr. *Apontamentos arqueológicos...*, cit., s.p.

¹⁰ Suportado em historiadores locais, entre os quais A. Herculano, o visconde de Juromenha e F. de Assis Rodrigues, os estudos de Raczyński trouxeram alguns avanços, em particular na história da pintura portuguesa. Relativamente à arquitectura, recorreu principalmente a extractos de outros autores, como a conferência do pintor Roquemont sobre a história da arquitectura portuguesa. Cfr. Rodrigues, P., 1998. *Património, identidade e história: o valor e o significado dos monumentos nacionais no Portugal de Oitocentos*, tese de mestrado Lisboa: UNL, p. 40.

¹¹ “*Foi um estrangeiro que de 1842 a 1846 começou a fazer algumas investigações com certa constância (...) sobre o que tínhamos produzido ou possuído neste ramo de actividade humana (...) acerca de esculptura e architect[ur]a deixou as cousas como estavam o que é bem longe de ser bem. Não obstante este inconveniente devemos ser-lhe agradecido*”

Mas a fonte mais citada nas “memórias” de Alfredo de Andrade sobre Portugal é, sem dúvida, *Noticias Archeológicas de Portugal* (Hübner, 1871) do arqueólogo alemão Emilio Hübner¹² (1834-1901), um dos maiores especialistas em epigrafia latina no século XIX. Este autor é referenciado seja a propósito de inscrições epigráficas – na época, fontes privilegiadas de informação, na ausência de outra documentação –, seja em notas sobre as origens de localidades portuguesas, ou ainda para a definição de itinerários de viagens em Portugal, como é evidente na cópia de um mapa de Portugal de Hübner que abre um dos volumes dos apontamentos de Andrade. O segundo âmbito temático das “memórias” - (2) das “entradas” - compreende um conjunto mais abrangente de assuntos: tipologias arquitectónicas, técnicas e materiais de construção, costumes, arte, ensino, restauro, etc. Estas são predominantemente redigidas em italiano e organizadas por ordem alfabética, aproximando-se hipoteticamente do esboço de uma espécie de “enciclopédia” ou “dicionário”. Quanto à estrutura das “entradas”, ainda que seja heterogénea e pouco sistemática – não permitindo, portanto, generalizar –, observa-se, em vários casos, que Andrade parte da citação de fontes já existentes sobre o tema em questão, começando cronologicamente pelas origens (usualmente as medievais), passando depois à posterior evolução exemplificando com casos concretos, nalguns casos com ilustrações. Os desenhos, geralmente realizados a pena, são esquemáticos (alçados, perspectivas, axonometrias, plantas) e por vezes encontram-se numerados e referenciados no texto; pontualmente, por exemplo no caso de materiais ou técnicas construtivas, são apontados detalhes e texturas de materiais.

Neste conjunto de volumes, detectam-se também alguns autores ou fontes recorrentes sobre cada tema, por vezes enriquecidas ou comparadas com exemplos franceses, país onde os estudos sobre a história e a arqueologia estavam mais avançados¹³. Porém, nos casos em que não encontra fontes sistemáticas sobre um tema específico, Andrade recorre a fontes complementares, nomeadamente as documentais (história económica e social, usos e costumes, vida militar¹⁴) ou as iconográficas (como detalhes de quadros, baixos-relevos e miniaturas medievais¹⁵). É, pois, visível o seu empenho e rigor metodológico na investigação e na construção historiográfica com interessantes contributos, inclusive ao nível do léxico, usando termos locais em diferentes dialectos (como *otoscano*, *piemontese*, *genovese*), alguns dos quais caíram entretanto em desuso.

de ter elle juntado em 2 vol. todas as tradições, a maior parte das memórias que entre nós se conservavão e conservão ácerca d'estas materias, não obstante non ter d'ellas tirado resultado práctico por as não ter comparado com os monumentos, contradisse-se em muitos casos e julgou erroneamente em outros.” A. Andrade, “Generalidades sobre a história das artes”, s.d., in *Apontamentos arqueológicos...*, cit..

¹² Emilio Hübner (1834-1901) foi um dos maiores especialistas de arqueologia e epigrafia latina do século XIX. Em 1861, veio a Espanha e a Portugal a cargo da Academia Real das Ciências de Berlim. Na época vários eruditos, arqueólogos ou estudiosos alemães visitavam a Península Ibérica, em busca das suas próprias origens, nomeadamente de testemunhos deixados pelos “godos”. Em 1871, a Academia das Ciências de Lisboa traduz e publica a sua obra *Noticias Archeológicas de Portugal*. Cfr. L. V. Costa, *Alfredo de Andrade...*, cit., p. 257.

¹³ Cfr., entre outros: E.-E. Viollet-le-Duc, 1857-1868. *Dictionnaire raisonné...* cit.; A. de Caumont, 1862. *Abécédaire ou Rudiment d'archéologie*, Paris: Derache; J.-D. Blavignac, 1853. *L'Histoire de l'architecture sacrée du vi^e au x^e siècle dans les anciens évêchés de Genève, Lausanne et Sion*, Paris-Londres-Leipzig.

¹⁴ Algumas fontes recorrentes são: Matteo G. Villani F., *Cronache*, vol I. Sezione letterario-artistica del Lloyd austriaco, Trieste, 1857; Baldinucci, *Vocabolario toscano dell'arte del disegno*, Firenze, 1681; Francesco Alberti di Villanova, *Dizionario francese-italiano*, 1772; L. Cibrario, *L'economia politica del Medioevo* (Torino, 1839) e *Storia di Torino* (Torino, vol. 2, 1846); C. Promis, *Dell'arte dell'ingegnere e dell'artiglierie dalle origini sino al principio del XVI secolo* (memoria IV in Francesco di Giorgio Martini – «Trattato»), Torino, Ed. Chizio e Mina, 1841; C. Promis, *Storia dell'antica Torino*, Torino, stamperia Reale, 1869; T. Belgrano, *Della vita privata dei genovesi*, Genova, 1875. As fontes são registadas com a respectiva referência bibliográfica ou arquivística e são sublinhados (geralmente a vermelho) os excertos que se relacionam com o tema ou objecto em análise.

¹⁵ Andrade copia miniaturas de manuscritos como as *Cronicorum die Hartmann Schedel*, Nuremberga, 1493.

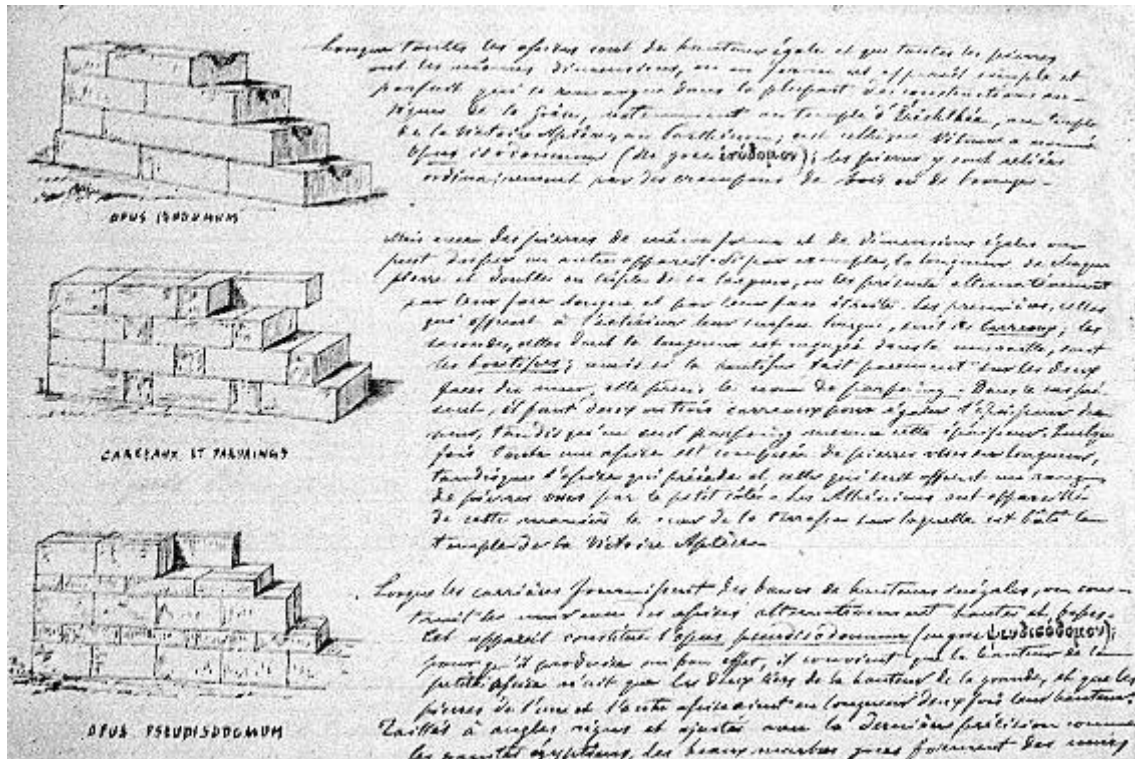


Fig. 1 – “Opus”, in *Apontamentos Arqueológicos de Alfredo de Alfredo de Andrade*, APFA.

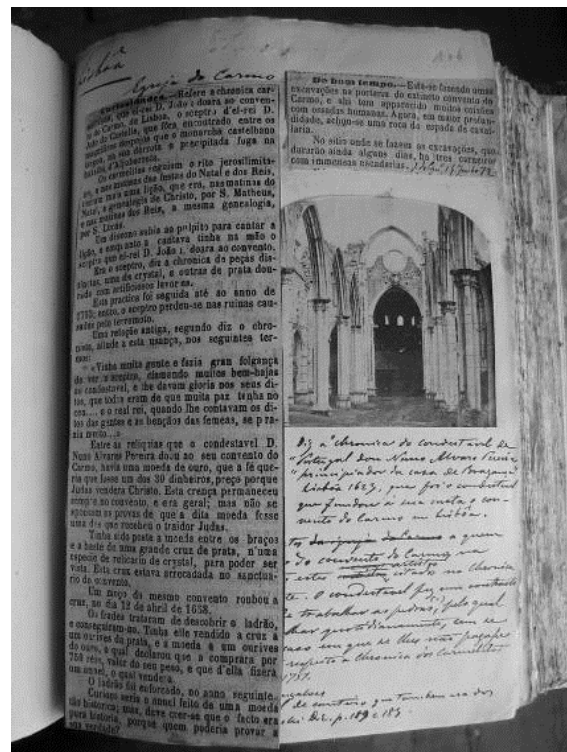
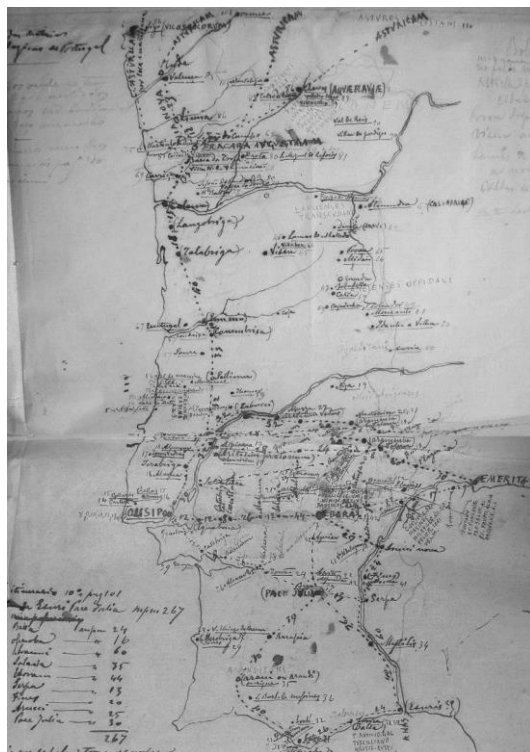


Fig. 2 – Mapa Copiado de Emílio Hubner, *Notícias Archeologicas em Portugal*, (in *Apontamentos Arqueológicos de Alfredo de Alfredo de Andrade*, APFA); Fig. 3 – Lisboa – Igreja do Carmo (in *Apontamentos Arqueológicos de Alfredo de Alfredo de Andrade*, APFA).

Este grupo mais lato de temas engloba, por exemplo, algumas entradas genéricas sobre a “arquitettura civil, religiosa e militar”, com campos específicos dedicados a várias regiões ou cidades italianas (Ligúria, Piemonte, Lombardia, Veneto, Toscana, Sicília, etc.). Relativamente à arquitetura militar destaca-se, entre outras, a entrada “Castello”, na qual, focando casos concretos, informa que pretendeu “*mettere indicazioni di castelli di cui ho avuto notizia esistenti o distrutti con l'intenzione di classificarli per regione ed epoche o alfabeticamente*”¹⁶.

Para além destas, merecem ainda especial referência dois volumes escritos predominantemente em português: um destes, dedicado aos “costumes”, dá informações interessantes sobre a cultura, o quotidiano e as artes da época medieval, designadamente sobre indumentária, instrumentos, arte militar, etc. Outro volume inclui entradas com um carácter mais abrangente, que revelam algumas ideias sobre as questões que o ocupavam: “Congressos e Exposições”, “Conservação de Antiguidades”, “Museu de Antiguidades” e “Restauro”, entre outros.

Se a maioria das entradas mais amplas é redigida em português, a entrada “Restauro”¹⁷ encontra-se escrita em italiano, visto ter sido em Itália que desenvolveu este que foi o campo mais profícuo da sua actividade profissional. Nesta entrada são apresentados exemplos como o Campanário do Duomo de Pisa¹⁸ ou as muralhas de Avignon, através dos quais aborda temáticas do debate coevo – no qual se destaca a influência de Camilo Boito (1836-1914), personagem central da cultura arquitectónica e patrimonial em Itália - como a questão dos excessivos e “maus” restauros, do “engano” (falso histórico) e da distinção dos novos acrescentos. Assim, as “memórias” de Andrade sobre o “restauro” registam já a evolução cultural que acompanha o debate europeu da segunda metade de Oitocentos, como ele próprio viria a demonstrar através da sua vasta obra, fundamentada por uma rigorosa análise da preexistência, uma minuciosa documentação do processo (escrita, desenhada, fotográfica) e por uma progressiva atenção filológica à estratigrafia da preexistência, e à diferenciação dos novos acrescentos, mas sem contraste acentuado com o antigo (Ferreira, 2014).

Por fim, numa reflexão mais ampla sobre as “memórias” de Alfredo de Andrade, nota-se que a prevalência de entradas geográficas e construtivas confirma a gradual afirmação da ideia de *genius loci*, assente na compreensão de valores ligados à geografia, ao território, aos costumes, à cultura material, às expressões autóctones e aos respectivos materiais e técnicas de construção. É, portanto, evidente o esforço de Andrade em aplicar uma metodologia rigorosa e sistemática de registo e levantamento de preexistências, orientada para a “construção da nação”, nos seus dois contextos de actuação, Itália e Portugal.

Deste modo, nas “memórias arqueológicas” está também implícita uma relação estreita entre a procura da identidade dos lugares e do seu património – inventário, salvaguarda, restauro – e a procura de modelos para a produção artística e arquitectónica “moderna”, problema central do debate arquitectónico da época¹⁹. Este é certamente um importante precedente para a cultura arquitectónica do século XX: a história como ferramenta de projecto, a aproximação a uma ideia de *genius loci*, a definição de metodologias operativas de levantamento do património construído que possam informar uma nova produção arquitectónica, em continuidade com a tradição.

¹⁶ Cfr. entrada “Castelo” in *Apontamentos arqueológicos...*, cit., s.p.

¹⁷ Neste artigo aplica-se a palavra ‘restauro’ segundo a acepção do século XIX, ou seja, termo abrangente que pode incluir diferentes modalidades de intervenção (desde reposição aos novos acrescentos), diferente do significado atual, de reposição ou ripristinação de uma determinada fase anterior.

¹⁸ Cfr. A. Andrade, “Ristauro”, in *Apontamentos arqueológicos...*, cit., s.p.

¹⁹ Como sublinha L. Patetta, “*va tenuto che per tutto l'Ottocento (e specialmente dopo il 1830) un ideale domina la cultura degli architetti: quello di creare «un nuovo stile», «uno stile moderno di architettura» (...) proprio coloro che sono più implicati nelle battaglie del revival di uno stile del passato, denunciano con maggiore chiarezza un'aspirazione verso il rinnovamento e verso la modernità.*” Patetta, Luciano, 1974. *La polemica fra goticisti e classicisti dell'Academie di Beaux-Arts, Francia 1846-47*, Milano: Clup.

2. CONTRIBUTOS DE ALFREDO DE ANDRADE PARA A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO, ENTRE ITÁLIA E PORTUGAL

Do que vimos, a partir das “memórias arqueológicas” poderemos retirar informações relevantes para o estudo da história da construção: sobre as fontes (iconografia, manuscritos, história económica e social, costumes, arqueologia, topografia, etc.), sobre materiais e técnicas construtivas (da antiguidade clássica ao século XIX), sobre elementos construtivos (janelas, portas, alvenarias, arcadas, etc), sobre léxico usado (seja nas diferentes regiões de Itália, seja em Portugal), entre outros. Por outro lado, a interpretação comparada de registos e notas feitos nos dois países, permitirá tirar algumas ilações no âmbito das “culturas partilhadas”, ou seja, sobre os cruzamentos e influências em obras, técnicas e materiais, entre Itália e Portugal.

Para além das memórias arqueológicas, importa salientar outros relevantes contributos de Alfredo de Andrade para a história da construção através da sua própria obra (predominantemente de “restauro”), na medida em que cada intervenção é sempre precedida por metódicos estudos e levantamentos da preexistência privilegiando as fontes diretas (as construções) – “*ciò che le carte non ci dicono l'ho imparato dalla fabbrica*”²⁰-, com especial incidência na história construtiva do edifício e na sua consistência técnica e material, aspectos em que Andrade se tornou um especialista, antecipando os procedimentos rigorosos da “arqueologia medieval” (Grimoldi 1993: 44) hoje mais frequentemente designados por “arqueologia da arquitectura”. Escreve Camillo Boito a propósito: “*i vecchi edifici non hanno segreti per l'acume della sua mente; (...) se non vede, indovina (...) sotto all'architettura di Filippo Juvarra, sotto alle torri del fiero castello trova l'opera romana, la sviscera, la disegna e la ricopre, ma in modo che lo studioso possa facilmente vederla e verificare la giustezza dei fatti (...)*” (Boito, 1893: 390). Deste modo, a intervenção no monumento determina a descoberta e reposição de soluções construtivas históricas, coerentes e atentas ao pormenor (garantia de uma relação rigorosa com o passado), requalificando também o trabalho de estaleiro, dos operários e artesãos (Grimoldi 1993: 44).

Importa ainda salientar a riqueza metodológica no processo de projecto – pesquisa documental e iconográfica, levantamento com anotações para a intervenção (cronologia, construção, diagnóstico, propostas), comparação com exemplos análogos, experimentação de ferramentas processuais (fotografia, decalques, maquetes). O desenho é, porém, o seu instrumento preferencial de investigação e comunicação - *nulla dies sine lineae* (Viollet-le-Duc, 1879) - transformando-se assim num “*linguaggio parlato*”²¹ (Boito, 1893: 392), fundamental na atividade de Andrade, desde os métodos de análise de preexistências até à sua aplicação sistemática como ferramenta de transformação do real. É evidente ainda a influência dos métodos da arqueologia medieval francesa – em particular na leitura direta das construções - designadamente das obras de Arcisse de Caumont, Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc e Ferdinand de Dartein, que Andrade possuía na sua biblioteca.

²⁰ Andrade, Alfredo in SBAAP/AS, apud Biancolini, Daniela, 1981. “Il Castello di Pavone”, in Cerri, M. Grazia, Biancolini, Daniela, Pittarello, Liliana (coord.) *Alfredo d'Andrade: tutela e restauro...*, cit., p. 311.

²¹ “*Una cosa notevole di questo restauratore è il modo come disegna. Per lui il disegno non è un esercizio grazioso e convenzionale: è la riproduzione più semplice, più rapida e più completa di un oggetto. Tutto gli serve. Piglia quello che trova sottomano. Tanto gli fa disegnare in un album piccino con la punta aguzza della matita o in un foglietto da lettera con la fina pena d'acciaio, quanto disegnare con il lapis da falegname, il pennello o la brace sopra un foglio enorme, sopra una parete o sul suolo*”. Boito, Camillo, 1893. «Gli ammaestramenti della prima esposizione italiana di Architettura». *Questioni Pratiche di Belle Arti. Restauri, Concorsi, Legislazione, Professione, Insegnamento*. Milano: Ulrico Hoepli, p. 392.

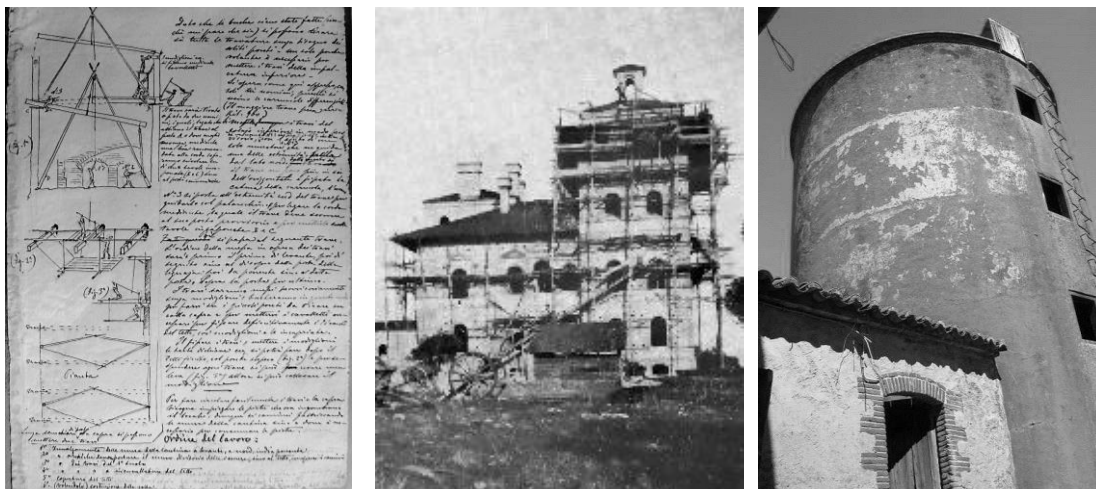


Fig.4 – Castelo de Pavone (Piemonte), planeamento do estaleiro, s.d., in APFA; Fig.5 – Casa de Font’Alva (Alentejo), fotografia de estaleiro, c.1896, in APFA; Fig 6 – Font’Alva, construções rústicas e silos em betão armado (c. 1900), fotografia da autora, 2007.

A documentação relativa aos seus projectos – desenhos, correspondência, administração, folhetos, manuais, notas, maquetes, fotografias, entre outros – espelha o quanto Andrade persegue a “obra total”, debruçando-se a fundo sobre todos os aspectos da concepção e construção: planeamento do estaleiro, fabrico dos materiais, instrumentos de trabalho, coordenação de todas as especialidades (operários dos fornos, pedreiros, carpinteiros, artesãos, etc.). Estes processos estão igualmente fundamentados por uma grande quantidade de desenhos, que engloba esboços à mão livre, desenhos técnicos escalados e cotados, detalhes construtivos, que chegam até à escala real (para os desenhos técnicos tinha o auxílio de desenhadores). É interessante notar, ainda, o registo da obra através da fotografia, uma das revoluções técnicas de Oitocentos, que Andrade adoptava sistematicamente nas suas intervenções e que, em conjunto com o resto da documentação, nos permite reconstituir, à distância de mais de cem anos, a história de projectos e de estaleiros na transição do século XIX para o XX (Ferreira, 2014).

Assim, lado propõe-se enquadrar criticamente estes processos na produção ecléctica de final de Oitocentos, superando visões historiográficas preconceituosas ou redutoras relativas ao século XIX²², em favor de uma visão plural e culturalmente complexa. Deste modo, podemos afirmar que Alfredo de Andrade, sendo uma personagem de uma época de transição, representa, como muitas outras, uma necessária mediação entre a continuidade com uma tradição construtiva plurissecular e os desafios dos novos tempos “modernos”, anunciados no limiar do século XX.

Por fim, perante uma historiografia que dá mais proeminência à concepção e ao projecto (ideias e formas) em detrimento da obra construída (estaleiro, materiais, tecnologias, intervenientes: cliente, utilizadores, construtor, operários, etc.), importa aprofundar, para além da história da arquitectura e dos arquitectos, a “história dos edifícios” - dos seus processos construtivos, usos e transformações no tempo (Grimoldi, 1993: 42; Guenzi, 1981: 8).

²² Vários autores assinalaram a depreciação da arquitectura do século XIX pela historiografia “moderna”, que, “na ênfatização da sua poética, acabou por obscurecer as suas próprias origens”. Cfr. I. Solà-Morales, 1981. In Collis, Peter, *Los ideales de la arquitectura moderna; su evolución (1750-1950)*, Barcelona: Gustavo Gili, 1981 (1965), p. 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, Ruy 1966. *Vida de um artista Português do Século XIX em Itália*, Lisboa: Ed. Autor, p. 94.
- Andrade, Alfredo 1867, Carta de Alfredo a Júlio de Andrade de 11.02.1867, apud M. Bernardi e V. Viale, 1957. *Alfredo D'Andrade: la vita, l'opera e l'arte*. Torino: Società Piemontese d'Archeologia e di Belle Arti, p. 30.
- Boito, Camillo, 1893. "Gli ammaestramenti della prima esposizione italiana di Architettura". In *Questioni Pratiche di Belle Arti. Restauri, Concorsi, Legislazione, Professione, Insegnamento*. Milano: Ulrico Hoepli, p. 390.
- Ferreira, Teresa C. 2014. *Il Portogallo di Alfredo de Andrade; città, architettura, patrimonio*. Sant'Arcangelo di Romagna: Maggioli.
- Grimoldi, Alberto, 1993. "L'incerta fortuna del particolare costruttivo". *TEMA* n°4/1993, Milano: Franco Angeli, pp.42-49.
- Guenzi, Carlo. 1981. *L'arte di edificare. Manuali in Italia 1750-1950*, Milano: BE-MA.
- Hübner, Emílio, 1871. *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa: Typografia da Academia.
- Raczynski, Atanazy, 1846. *Les arts en Portugal: lettres adressées à la Société Artistique et Scientifique de Berlin et accompagnées de documents*, Paris: Jules Renouard et Cie.
- Serra, R. Maggio, 1981. "La cultura piemontese intorno al Borgo Medioevale". In Cerri, M. Grazia, Biancolini, Daniela, Pittarello, Liliana (coord.) *Alfredo d'Andrade: tutela e restauro*. Firenze: Vallecchi, p. 34.
- Viollet-le-Duc, Eugène-Emanuel, 1879. *Histoire d'un dessinateur. Comment on apprend à dessiner*. Paris: Hetzel.
- Viollet-le-Duc., Eugène-Emanuel, 1857-1868. *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française*, 10 vol., Paris: B. Bance édit. (voll. I a VI), e A. Morel édit. (vol. VII a X).